

PRÁTICAS DE LETRAMENTOS ACADÊMICOS E EPÍGRAFES: MANIFESTAÇÃO DE IDENTIDADES DE AUTORES DE DISSERTAÇÕES

Andressa Bruske, Adriana Fischer**, Sandra Pottmeier****

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar os sentidos das epígrafes presentes em dissertações de Programas de Pós-Graduação em Educação, Estudos Linguísticos e Letras a partir das práticas de leitura de acadêmicos-autores, a fim de compreender suas escolhas quanto às epígrafes e seus usos. Como base nos conceitos de letramentos acadêmicos, de funções da epígrafe e de identidade, foi realizada uma análise de abordagem qualitativa documental e de entrevistas com autores de quatro dissertações. Os resultados apontam a manifestação de identidade do acadêmico-autor relacionada com processos de identificação que ele marca na seleção das epígrafes, assim como nos diálogos de confirmação entre o acadêmico-autor da dissertação e o autor da epígrafe. Considera-se que as práticas de leitura constitutivas dos autores das quatro dissertações analisadas perpassam outros textos da esfera acadêmico-científica, assim como a literatura. Essas diferentes práticas de letramento promovem vivências e experiências para que estes sujeitos-autores se posicionem, marcando seu lugar de enunciação em relação às suas epígrafes.

Palavras-chave: ensino superior; práticas de letramentos; citação.

* Mestranda em Educação pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). Professora na Prefeitura Municipal de Timbó e Tutora Interna no Centro Universitário Leonardo da Vinci (Uniasselvi). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2439-6110>. Correio eletrônico: dessa_k_bruske@hotmail.com.

** Pós-doutora em Educação pela Universidade do Minho (UMinho). Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Docente no Centro de Ciências da Educação, Artes e Letras (Departamento de Letras) e no Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado) da Fundação Universidade Regional de Blumenau (FURB). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9787-2814>. Correio eletrônico: adrfischer@furb.br.

*** Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora Titular concursada na Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina (SED/SC), lotada na Escola de Educação Básica Padre José Maurício (Blumenau-SC). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7328-8656>. Correio eletrônico: pottmeyer@gmail.com.

PRACTICES OF ACADEMIC LITERACIES AND EPIGRAPHS: MANIFESTATION OF IDENTITIES OF DISSERTATION AUTHORS

ABSTRACT

This article aims to analyze the meanings of epigraphs present in dissertations of Postgraduate Programs in Education, Linguistic Studies and Literature based on the reading practices of academic authors, in order to understand their choices regarding epigraphs and their uses. Based on the concepts of academic literacies, epigraph functions and identity, a qualitative analysis of documents and interviews with authors of four dissertations was carried out. The results point to the manifestation of identity of the academic author related to processes of identification that he marks in the selection of epigraphs, as well as in the confirmation dialogues between the academic author of the dissertation and the author of the epigraph. It is considered that the constitutive reading practices of the authors of the four dissertations analyzed permeate other texts of the academic-scientific sphere, as well as literature. These different literacy practices promote experiences so that these subject-authors can position themselves, marking their place of enunciation in relation to their epigraphs.

Keywords: *higher education; literacy practices; quote.*

PRÁCTICAS DE ALFABETIZACIONES ACADÉMICAS Y EPÍGRAFES: MANIFESTACIÓN DE LAS IDENTIDADES DE LOS AUTORES DE TESIS

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizarlos significados de los epígrafes presentes en disertaciones de Programas de Posgrado en Educación, Lingüística y Literatura a partir de las prácticas de lectura de autores académicos, para comprender sus elecciones respecto de los epígrafes y sus usos. A partir de los conceptos de alfabetización académica, funciones de epígrafe e identidad, se realizó un análisis de enfoque documental cualitativo y entrevistas a autores de cuatro disertaciones. Los resultados apuntan a la manifestación de identidad del académico-autor relacionada con procesos de identificación presentes en la selección de epígrafes, así como en

diálogos de confirmación entre el académico-autor de la tesis y el autor del epígrafe. Se considera que las prácticas constitutivas de lectura de los autores de las cuatro disertaciones analizadas permean otros textos del ámbito académico-científico, así como de la literatura. Estas distintas prácticas de alfabetización promueven experiencias para que estos sujetos-autores se posicionen, marcando su lugar de enunciación en relación con sus epígrafes.

Palabras clave: *educación superior; prácticas de alfabetización; citas.*

1 INTRODUÇÃO

As epígrafes apresentam diferentes funções de acordo com seus usos em um texto, como busca por autoridade, ornamento, protocolo e introdução. Pinheiro, Dionísio e Vasconcelos (2016, p. 1957, tradução nossa¹) observaram um enfoque nas práticas de escrita em pesquisas sobre letramento acadêmico com estudantes de engenharia em que “os dados obtidos até o momento corroboram outros estudos, inclusive os que concluem sobre o escopo dado à escrita em detrimento à leitura no ensino superior”. Nesta direção, entendemos que se faz necessária uma discussão acerca das práticas de leitura na pós-graduação, pontualmente, no concernente aos letramentos acadêmicos (Lea; Street, 2006).

Neste sentido, os enfoques apresentados neste artigo integram estudos que ocorrem no contexto do Grupo de Pesquisa Linguagens e Letramentos na Educação apoiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) a partir do projeto *Letramentos acadêmicos: impactos e transformações em práticas de contextos educativos*², do Programa de Pós-Graduação em Educação de uma universidade localizada no interior de Santa Catarina. Os estudos partem de propostas afiliadas ao projeto intitulado *Escrita acadêmica/escrita científica: das formas de presença do autor, do outro, das áreas de*

¹ Original em inglês: “The data obtained so far corroborate other studies, including those that conclude about the privilege given to writing over reading in HE” (Pinheiro; Dionísio; Vasconcelos, 2016, p. 1957).

² Projeto este com bolsa produtividade CNPQ/PQ2. Este artigo se afilia também ao projeto temático *Letramentos acadêmico-científicos para a formação de professores e pesquisadores globalizados em educação científica: podcasts, tedtalks e o enfrentamento da desinformação*, inscrito no macroprojeto *Aprendizes universitários em práticas contemporâneas de letramento acadêmico-científico para formação de professores e de pesquisadores globalizados*, Projeto Temático FAPESP n.º 2022/05908-0.

conhecimento e seus domínios disciplinares, sob coordenação da Universidade Regional de Blumenau, nos anos de 2018 a 2022.

O objetivo deste artigo é analisar os sentidos das epígrafes presentes em dissertações de Programas de Pós-Graduação em Educação, Estudos Linguísticos e Letras a partir das práticas de leitura de acadêmicos-autores, com a finalidade de compreender suas escolhas quanto às epígrafes e seus usos. Partimos de uma abordagem qualitativa em que o objeto de pesquisa neste estudo são os usos e as funções das epígrafes presentes em dissertações. O *corpus* de análise deste estudo é constituído por quatro dissertações de quatro diferentes programas: dois de Educação, um de Estudos Linguísticos e um de Letras.

Consideramos, a partir deste manuscrito, que a epígrafe, oriunda do grego “crescer acima de”, é como um pequeno texto apresentado em prosa ou verso em inícios de trabalhos ou capítulos. Esta pode ser analisada como uma citação. Boch e Grossmann (2015, p. 284) destacam que a citação “[...] ao exigir do estudante que integre ao seu próprio discurso as ‘vozes do outro’, coloca em evidência, de maneira crucial, a questão do interdiscurso [...]”, portanto, o dialogismo. Este [...] é sempre entre discursos [...]” (Fiorin, 2018, p. 166), porque só há interlocutor no/pelo/enquanto discurso. Deste modo, “[...] nosso discurso não se relaciona diretamente com as coisas, mas com outros discursos [...]” que “[...] lhe dão sentido [...]” no/pelo/sobre/com o “[...] funcionamento real da linguagem” (Fiorin, 2018, p. 167), no/pelo/sobre/com o discurso do outro.

Assim, quando o acadêmico-autor da dissertação opta por citar alguém na epígrafe, assume uma posição em relação ao enunciado, podendo ser de acordo ou desacordo (Paula, 2017). Isso reflete e refrata nas escolhas do acadêmico-autor da dissertação quando se pauta no discurso de outrem e de como ele constrói e se constitui nesse processo como autor a partir das seleções de já-ditos (Bakhtin, 1997; Geraldi, 2015) pelo/com o outro diante da inscrição das epígrafes na elaboração de sua dissertação. Bakhtin (1997, p. 195) ressalta que “o nosso discurso da vida prática está cheio de palavras de outros. Com algumas delas fundimos inteiramente a nossa voz, esquecendo-nos de quem são; com outras reforçamos as nossas próprias palavras, aceitando aquelas como autorizadas para nós [...]”.

Conforme sublinha Bakhtin (1997), é na/pela/sobre e com o dialogismo que vai além do encontro face a face, que o autor se constitui na/pela/com a linguagem e na/pela/com as palavras do outro. Um sujeito-autor que é situado historicamente em uma determinada esfera social e é atravessado pelas ideologias, pelos discursos do outro. Trata-se de um ser sempre sendo, inacabado, inconcluso na alteridade³ com outrem. Com apoio dessas contextualizações iniciais, este artigo está organizado da seguinte forma: na primeira seção apresentamos o referencial teórico, seguido da segunda seção em que discorremos sobre os caminhos metodológicos desta pesquisa. Adiante, na terceira seção, descrevemos e discutimos os dados, para então, tecermos algumas considerações acerca do exposto.

2 PRÁTICAS DE LETRAMENTOS E EPÍGRAFES

Em nosso estudo, abordamos a leitura como uma prática de letramento que vai além do foco “no que se lê” e amplia possibilidades; as práticas de leitura estão ligadas à situação, levam em consideração o contexto e a história dos sujeitos envolvidos (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020; Lea; Street, 2006). São práticas sociais plurais, pois integram e envolvem diferentes linguagens – não apenas a linguagem verbal⁴ dos textos.

Por práticas de letramentos, entendemos práticas que se desenvolvem em torno de textos, as quais são constituídas por relações de poder e por questões de identidade. Barton e Hamilton (2000) destacam que as práticas de letramento têm propósitos e incorporam-se a objetivos sociais e práticas culturais mais amplas. Observamos, então, que as práticas de letramento são historicamente situadas e que há diferentes letramentos associados com diferentes domínios de vida, como a familiar, a religiosa, a escolar, dentre outros.

Seguindo nesta perspectiva, apresentamos o termo “letramentos acadêmicos”, que pode ser entendido como o estudo de práticas de leitura e escrita em diferentes níveis de ensino (Lea; Street, 2006)⁵. Neste estudo, conceituamos os letramentos acadêmicos como eventos e práticas que ocorrem no contexto da Educação Superior. Nessa direção, os Novos Estudos dos Letramentos (NEL) propõem três modelos, a partir de pesquisas acerca das

³ “Trata-se da relação e da contraposição entre um ‘eu’ e um ‘tu’, em que o ‘eu’ só se constitui como ser em relação com um outro (um ‘tu’). [...] é na alteridade, ou seja, na nossa *relação dialógica com o outro*, que nós nos constituímos. A interação com o outro é a condição de possibilidade de existência e constituição do sujeito como ser social” (Silveira; Rohling; Rodrigues, 2012, p. 19).

⁴ Para além do texto escrito, envolve o texto falado, o som, a imagem estática e em movimento, também chamadas por linguagens multissemióticas (Kalantzis; Cope; Pinheiro, 2020).

⁵ Tradução do manuscrito original (Lea; Street, 2006) realizada por Komesu e Fischer (2014).

práticas de escrita feitas em contexto universitário, quais sejam: modelo das habilidades, modelo de socialização e modelo do letramento acadêmico (Lea; Street, 2006).

Para a discussão empreendida neste artigo, nós nos basearemos no terceiro modelo, aquele que trata dos letramentos acadêmicos, o qual apresenta uma perspectiva de compreensão de significados que os estudantes atribuem às práticas de leitura e escrita no contexto acadêmico. Nesse modelo são consideradas as análises de diversos aspectos, como identidades, poder e autoridade. É importante ressaltar que um modelo não exclui o outro, mas se sobrepõe. Deste modo, os três modelos são relevantes para os pesquisadores compreenderem as práticas de letramento em contextos acadêmicos (Lea; Street, 2006).

Zavala (2010) enfatiza também que o letramento acadêmico se destaca por três aspectos: epistemologia, identidade e relações de poder. O aspecto epistemológico está relacionado com trazer vozes de outros indivíduos para dar coro ao texto. Os estudantes aprendem que precisam citar outros autores em seus textos; porém, é necessário atentar para o modo como isso ocorre. Em relação à identidade no letramento acadêmico, Zavala (2010) destaca que, durante as práticas de letramento, os estudantes não apenas adquirem determinadas habilidades, mas também valores, atitudes, maneiras de interagir e motivações. Deste modo, as práticas de leitura e escrita na Educação Superior envolvem formas de sentir e valorizar, assim como pensar em relação a si mesmo no/em diálogo com o outro (Bakhtin, 1997). O terceiro aspecto dos letramentos acadêmicos apontados por Zavala (2010) se refere ao poder, ou seja, às relações de poder existentes em espaços acadêmicos. Nesses espaços é possível observar que há práticas que são mais valorizadas que outras, sujeitos que ditam o que é mais relevante, convenções linguísticas estabelecidas, etc. As práticas de letramento “[...] são complexas, específicas, dependentes do contexto e desafiantes [...]” (Zavala, 2010, p. 89).

Diante de tais práticas que constituem a esfera acadêmica, a epígrafe se faz presente em dissertações e teses. De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas (2002) esta é conceituada como um pequeno texto, escrito em verso ou prosa, que introduz textos ou capítulos, que podem aparecer em livros (de literatura ou não), assim como em trabalhos acadêmicos, como teses, dissertações, artigos, etc. Esses trechos podem ser advindos de poemas, contos, ensaios, músicas ou até mesmo de falas dos sujeitos da pesquisa na qual estão inseridos. Nesta pesquisa temos como foco as epígrafes em forma de texto, mas é válido destacar que elas podem ser apresentadas em formato de imagem, QR Code, fotografia, etc.

A epígrafe pode estabelecer diferentes relações com o texto no qual está inserida, como introduzir o tema e buscar autoridade para o texto. Bezerra (2007) afirma que a epígrafe tem a função de introduzir o tema, indicar sobre o que será discutido na sequência. De acordo com o Bezerra (2007, p. 206), “[...] a autoria do texto apresentado como epígrafe é sempre indicada, ressaltando precisamente o caráter de autoridade suprido pelo texto [...]”. Entretanto, nesta perspectiva da epígrafe como busca de autoridade, podemos destacar que as citações nos textos carregam mais relações de poder do que as epígrafes, pois nelas os acadêmicos-autores têm mais liberdade em escolher quem vão citar, tendo em vista que é um elemento pré-textual opcional.

As epígrafes conseguem fugir dessas particularidades impostas nos manuais e não é necessário que a citação desta seja de alguém para legitimar o que o autor escreve. No caso da epígrafe, esta seria um retorno a uma autoria não tão institucionalmente marcada pelas normas de cursos de pós-graduação, ao permitir trazer uma citação que não tenha características de textos acadêmicos, como as citações literárias. Nesse sentido, é possível pensar que escolher uma citação que se diferencie do gênero discursivo que o acadêmico-autor está escrevendo possa ser uma maneira de “fugir” de normas e exigências de escrita que são impostas.

Dialogando com as ideias até então apresentadas, Ribeiro (2014, p. 869) destaca que “[...] a relação estabelecida entre a epígrafe e o gênero que a suporta é determinante tanto para a composição formal quanto para o estabelecimento dos propósitos comunicativos da epígrafe [...]”. Essa relação nos dá indícios das possíveis funções que as epígrafes podem exercer nos textos em que estão inseridas.

Fischer (2007, p. 105) apresenta também o conceito de movimentos dialógicos, que “[...] são formas de interação verbal, que indicam especificamente os modos de participação dos alunos nos eventos de letramento, na relação com os o(s) outro(s) – os interlocutores da situação enunciativa – e com o conteúdo temático”. Fischer (2007) ainda destaca alguns tipos de movimentos, os quais aqui apontamos: movimentos indagatórios e movimentos confirmativos. Os movimentos indagatórios se referem a pedir confirmação sobre um dizer anterior, “[...] pedir esclarecimento (acréscimos de informações) diante da concordância ou discordância com um dizer anterior [...]” (Fischer, 2007, p. 105). Já os movimentos confirmativos têm a proposição de acrescentar informação ao ponto de vista apresentado anteriormente (Fischer, 2007). A escolha da epígrafe indica um diálogo com o dito por outro autor anteriormente, ao escolher citar determinado trecho na abertura de seu trabalho/capítulo.

É uma forma de dialogar com esse outro autor, reforçando algo dito por ele, problematizando ou até mesmo contextualizando e estabelecendo conexões conceituais.

Nesse sentido, destacamos que, em meio às imposições e expectativas que a escrita acadêmica apresenta, a epígrafe presente em uma dissertação de mestrado é uma forma de manifestação de identidade do autor. Sobre a temática identidade, Hall (2006) entende que os sujeitos não possuem uma identidade única, fixa e permanente, mas que as identidades se modificam conforme o sujeito passa por diferentes contextos e discursos durante sua trajetória de vida. Moita Lopes (2002) trata o processo de (re)construção de identidades sociais como um “mosaico” que se modifica nas diferentes práticas discursivas em que o sujeito atua. Ainda ressalta Moita Lopes (2002, p. 35) que “[...] as identidades não são propriedades dos indivíduos, mas sim construções sociais, suprimidas ou promovidas de acordo com os interesses políticos da ordem social dominante”.

Outrossim, podemos entender que, como as identidades são construídas discursivamente, possuem um caráter linguístico. Em nosso estudo, estamos analisando a manifestação de identidade dos acadêmicos-autores das dissertações escolhidas para nosso *corpus*. Essas identidades também perpassam contextos e discursos, que constituem o autor como sujeito heterogêneo, pois a linguagem é constitutiva deste autor, uma vez que ela é social, histórica, ideológica, é opaca. Esta permite a dialogicidade com o outro e com o próprio autor (eu-outro, outro-eu, eu-para-mim) (Bakhtin, 1997). Um sujeito situado historicamente em um dado espaço em que é perpassado por diferentes enunciados e que precisa marcar sua posição, uma vez que, nesta perspectiva enunciativo-discursiva, o enunciado não é neutro, ele está sempre carregado de significados e valores (Bakhtin, 1997).

É por meio desta tomada de decisão, do lugar de onde enuncia/fala, que o autor permite mostrar um pouco de si no texto. É na/pela interação dialógica entre autor-texto-leitor que isso ocorre. Utilizamos, deste modo, Hyland (2012), que se aproxima de Bakhtin (1997) ao tratar desta interação dos textos, dos discursos que são recuperados nas epígrafes dos sujeitos-autores que as selecionam, as escolhem, por se constituírem como elos entre o texto e contexto. Nesta direção, Hyland (2012, p. 3) afirma que “[...] quem nos apresentamos como ser, é um resultado de como rotineira e repetidamente nos empenhamos em interações com os outros cotidianamente [...]”. A identidade tem relação com a forma como nos apresentamos, numa noção mais básica do termo, como um conjunto de características que identificam o sujeito, assim como tem relação com a interação com os outros (Paula, 2017).

No contexto acadêmico, podemos pensar essas relações como uma segurança para o autor, ao trazer outras vozes (autores) para dialogar, ainda ter autonomia para compartilhar as suas ideias, confrontando ou discordando com os teóricos que apresenta. Nos dizeres de Paula (2017, p. 11), “[...] a identidade se constitui no diálogo, na construção e também no modo de comunicação do saber desenvolvido, ou seja, nas escolhas: na escolha quanto à linguagem, ao gênero, aos autores a serem citados, à forma de citar, etc.”.

Assim, compreendemos tratar-se do discurso do outro que constitui este sujeito-autor e a posição a qual assume no ato responsável de sua escolha, o da escolha de uma epígrafe em uma dissertação de mestrado. Importante destacar que o autor (orientando) não realiza esse caminho sozinho, ele dialoga com o outro (orientador, grupo de pesquisa, com as normas exigidas no meio acadêmico), e essa mediação constitui um estilo mais marcado desse sujeito que escolhe esta epígrafe, e não a outra em um dado tempo e espaço. Os diferentes horizontes sociais (Bakhtin, 1997) do orientador, do grupo de pesquisa e do próprio acadêmico-autor vão dizer de que lugar esse sujeito enuncia e dos diferentes discursos que o constituem na/pela/com a relação dialógica empreendida com o outro.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Este estudo se caracteriza como uma pesquisa qualitativa exploratória. De acordo com Flick (2009, p. 25), esta abordagem “[...] não se baseia em um conceito teórico e metodológico unificado [...]”, mas pode se utilizar de diferentes enfoques teóricos para discutir e compreender os dados da investigação.

O contexto da pesquisa perpassa a esfera acadêmica, em específico o da pós-graduação (*stricto sensu*), tendo em vista que nosso *corpus* de análise é composto por quatro dissertações. Os trabalhos analisados fazem parte de diferentes programas: dois em Educação, um em Letras e um em Estudos Linguísticos. Todos os programas de pós-graduação escolhidos têm a linguagem como possível objeto de investigação, aproximando-se assim dos enfoques de nosso estudo.

Como critério para a escolha dos acadêmicos-autores que foram entrevistados, esta se deu por indicação, proximidade com o grupo de pesquisa e presença de epígrafes em seus textos acadêmicos. É a partir das entrevistas que as autoras do artigo realizaram a análise da relação entre as epígrafes nas dissertações e as entrevistas com os acadêmicos-autores sobre

essas presenças que compõem, na argumentação do artigo, práticas de letramento acadêmico, funções das epígrafes e manifestação de identidade dos sujeitos-autores nas suas dissertações.

As entrevistas foram realizadas de forma *on-line*, por meio da plataforma *Microsoft Teams* com os acadêmicos-autores das quatro dissertações (doravante D1, D2, D3, D4) durante os meses de maio e julho de 2022⁶. A temática que circunscreve a presença de epígrafe sem dissertações se baseia nas seguintes questões norteadoras: como se deu a escolha das epígrafes? Em que momento se teve contato com elas? O que costuma ler?

No Quadro 1, apresentamos a identificação do *corpus* de análise da presente pesquisa:

Quadro 1 – *Corpus* de análise

Dissertação	Título	Autores	Ano	Programa de Pós-Graduação
D1	Letramentos em contexto de aprendizagem ativa nas Engenharias: “construindo o edifício das palavras para nele ser inquilino”	SCHLICHTING, T. de S.	2016	Educação
D2	Desafios entre a formação inicial e as práticas pedagógicas em um contexto de ensino bilíngue	MAYER, L.	2020	Educação
D3	Práticas letradas de gamificação: estudo do processo de textualização no ensino superior	ALEXANDRE, G. G.	2020	Estudos Linguísticos
D4	Escrever na escola e para a vida: a experiência de pesquisa-ação e seus efeitos na aprendizagem da escrita	SILVA, S. O.	2015	Letras

Fonte: elaborado pelas autoras.

Como a proposta é analisar o conteúdo das falas dos participantes e não necessariamente a forma (discursiva), as transcrições das entrevistas seguem as normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Os dados das entrevistas foram analisados sob a perspectiva dos letramentos acadêmicos (Lea; Street, 2006; Zavala, 2010), dos conceitos de funções de epígrafes (Bezerra, 2007; Percino, 2018) e de identidade (Hall, 2006; Hyland, 2012; Moita Lopes, 2002; Zavala, 2010).

⁶ Para que as entrevistas fossem realizadas, enviamos o projeto de pesquisa para avaliação do Comitê de Ética, que foi aprovado pelo Parecer n.º 5.376.848. Os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foram enviados aos participantes, para que assinassem e depois os devolvessem às pesquisadoras.

4 MANIFESTAÇÃO E IDENTIDADES DE AUTORES DE DISSERTAÇÕES

Na dissertação 1 (D1), defendida em 2016, que tem como título *Letramentos em contexto de aprendizagem ativa nas Engenharias: “construindo o edifício das palavras para nele ser inquilino”* (Schlichting, 2016), identificamos a presença de duas epígrafes: a epígrafe de uma música (*Sintaxe à vontade – O teatro mágico*) aparece nos elementos pré-textuais. Em seguida, na seção introdução, é apresentado o poema *O engenheiro de João Cabral de Melo Neto*, que faz referência ao objeto de estudo: práticas de letramento acadêmico e profissional de engenheiros.

No decorrer do trabalho, é possível observar que o campo da engenharia já vinha sendo pesquisado e estudado desde a graduação pela pesquisadora da D1, pois, ainda na introdução, ela afirma que participou de três projetos de pesquisa com sua orientadora e fez parte do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) como voluntária e bolsista: “As três pesquisas de iniciação científica das quais participei estiveram inseridas em um projeto maior denominado ‘Padrões e funcionamento de letramento acadêmico em cursos brasileiros e portugueses de graduação: o caso das engenharias’” (Schlichting, 2016, p. 20).

Na introdução da D1, notamos que há um diálogo com a epígrafe, articulando linguagem e engenharia, destacando que o autor escolhido era conhecido como “engenheiro da palavra” (Schlichting, 2016, p. 18), fazendo uma relação com a construção de “edifício de palavras”. No decorrer da escrita da D1, observamos também que há sempre uma referência a algum trecho do poema que abre o capítulo de introdução, metodologia e referencial teórico, respectivamente: “Bem como o sonho do engenheiro no *poema*, há de se delimitar *aspectos da pesquisa* empreendida: torná-los claros” (Schlichting, 2016, p. 22, grifo nosso); “Esta seção acerca da metodologia se preocupa com o *fundamento do nosso edifício de palavras* [...]” (Schlichting, 2016, p. 30, grifo nosso); “Continuamos *na construção do edifício de palavras* no qual intentamos ser inquilinos” (Schlichting, 2016, p. 40, grifo nosso).

Estes excertos apresentam marcas de como a acadêmica-autora faz o diálogo entre o poema (texto literário) e o gênero acadêmico dissertação, na manifestação dos termos mais técnicos utilizados na escrita: fundamento do nosso edifício e a relação com o percurso metodológico e o referencial teórico. A palavra “fundamento” remete à fundamentação teórica, na questão semântica da palavra, e também como algo que sustenta, já que esse capítulo da dissertação – fundamentação teórica – tem a proposta de abordar conceitos que amparem as discussões da pesquisa. Já “edifício” faz a relação com a epígrafe e com a própria

dissertação, estabelecendo uma aproximação do poema de João Cabral de Melo Neto e a teoria da enunciação de Bakhtin, que sustenta a dissertação. O pronome “nosso” também nos indica marcas identitárias e de autoria na escrita da dissertação, tendo em vista que a utilização da primeira pessoa do plural é aceita na escrita acadêmico-científica da área de Educação.

A acadêmica-autora da D1 consegue transpor um texto de outra esfera (literária) para o meio acadêmico, sem deixar de lado as particularidades que cada gênero possui – poema e dissertação. Esta afirmou, durante a entrevista, que, antes de iniciar a escrita da dissertação, procurou um texto que pudesse guiá-la nesse processo, pois, desde o início, tinha o objetivo de escrever a dissertação guiada pelas epígrafes, estabelecendo relação entre elas. E, ao encontrar um autor que era considerado o “engenheiro das palavras”, sentiu que um texto dele deveria estar no início do trabalho, já que seu objeto de estudo tratava de práticas acadêmicas nas engenharias. Ao analisarmos a epígrafe como uma citação e os estudos acerca de suas funções, os dados indicam a busca por uma voz de autoridade para a epígrafe, um autor referência em determinada área de atuação.

Sobre isto, Boch e Grossman (2015, p. 296) afirmam que “[...] o uso da citação, e mais largamente a referência aos trabalhos de outrem, desempenha um papel de legitimação no texto acadêmico [...]”. Neste sentido, ao escolher um autor que era conhecido como “engenheiro das palavras”, e tendo em vista o objeto de estudo da D1, percebemos a função de referência presente na escolha da epígrafe desta dissertação. Ainda podemos depreender que, ao escolher a epígrafe, houve uma seleção cuidadosa para que esta estivesse situada e contextualizada na dissertação.

A autora da D1 relata, ainda, que a decisão de organizar a dissertação a partir de uma epígrafe teve relação com a sua orientadora:

[...] é uma das características também da minha orientadora, ela também traz bastante elementos para além de científicos, acadêmico-científicos pras estruturas dos textos dela e eu sempre entrei em contato com isso, sempre me chamou atenção e foi uma coisa que me agradou muito e resolvi adotar na dissertação [...] (Autora da D1, 2022, grifo nosso).

A relação com a orientadora é uma forma de identificação com o modo de escrita por ela proposto, que ultrapassa algumas “barreiras” impostas na escrita acadêmica, assim como a adesão ao grupo de pesquisa que integra. Essa identificação possui conexão com as relações de poder nas práticas de letramento, quando o acadêmico vê o professor orientador como

alguém mais experiente na escrita acadêmica (Lea; Street, 2006), que pode guiá-lo na sua própria escrita. A acadêmica-autora da D1 destaca também que sempre procura dialogar entre o texto literário e o texto científico, indicando o que é possível de trazer de aproximação, mostrando assim encaminhamentos da organização desenvolvida no texto. O entrecruzamento das práticas de letramentos presentes nestes dois contextos mostra efeitos na escrita; aponta, por exemplo, para processos de utilização do uso do texto poético para marcar sua autoria no texto, sua singularidade na escrita. Também caracteriza sua identidade de pesquisadora e leitora de textos literários, com apoio desta singularidade, desta intencionalidade evidenciada na escolha de palavras, na proposição de sentidos aos leitores. Conforme os Novos Estudos dos Letramentos (Barton; Hamilton; 2000; Lea; Street, 2006), em cada domínio da vida pessoal, profissional, acadêmica etc., há normas e exigências diferentes.

Nesse sentido, ao trazer o texto literário para o contexto acadêmico, a acadêmica-autora da D1 vai no caminho contrário das expectativas criadas para este gênero discursivo (dissertação). Ainda à luz dos conceitos sobre funções das epígrafes (Percino, 2018) na D1, verificamos a função referência, que é quando o autor deseja relacionar a citação da epígrafe com algo presente no seu texto. Essa relação se apresenta de forma direta, já que, no texto dissertativo, a acadêmica-autora retoma os versos do poema apresentado na epígrafe para contextualizar os capítulos da dissertação. Ademais, ao afirmar que gosta de um texto que “comece mais amigável com o leitor”, esta marca sua posição também como leitora e aponta para os modos de identificação com outros autores, textos, formas de escrita, etc.

Já na D2, intitulada *Desafios entre a formação inicial e as práticas pedagógicas em um contexto de ensino bilíngue*, defendida por Mayer em 2020, inscrita também em um Programa de Pós-Graduação em Educação, apresenta-se um texto do autor Eduardo Galeano como epígrafe nos elementos pré-textuais. Esta dissertação anuncia, no início de todos os capítulos, uma epígrafe do mesmo autor da epígrafe inicial do trabalho. Deste modo, foi possível identificar a relação destas epígrafes com o que seria discutido no capítulo no qual estão inseridas. A epígrafe “A primeira condição para modificar a realidade consiste em conhecê-la” (Mayer, 2020, p. 29) é apresentada no capítulo metodológico, o qual discorre sobre o contexto e a caracterização da pesquisa, expondo a realidade da pesquisa.

Durante a entrevista, a acadêmica-autora da D2 contou que todas as epígrafes são do mesmo livro e que ela escolheu cada trecho para que se encaixasse com o capítulo no qual estaria presente. Ela afirmou que teve a intenção de relacionar cada epígrafe com o que seria discutido no capítulo – atribuiu, então, às epígrafes a função de referência. Ela informa, em

um momento da entrevista, que teve contato com dissertações de programas que apresentavam epígrafes nos capítulos, então resolveu fazer a sua dissertação desta forma também, conforme apresentado no excerto.

[...] agora que eu me lembrei, surgiu a ideia de fazer todas as epígrafes d'O Livro dos Abraços porque eu fiz uma disciplina na [nome da IES] com a professora [nome da professora] e nessa disciplina tinha uma menina que *tinha feito uma dissertação sobre um tema parecido com o meu* e eu até usei a dissertação dela no meu trabalho, [...] e ela tinha feito todas as epígrafes também de um mesmo livro, que agora eu não me lembro que livro era, mas foi uma pesquisa documental que ela fez e aí eu vi a pesquisa dela e achei interessante o jeito que ela fez as epígrafes e aí pensei “ah, vou fazer também” e aí fiz a minha, do Eduardo Galeano (Autora da D2, 2022, grifo nosso).

As práticas de leitura realizadas pela acadêmica-autora da D2 a auxiliaram na escrita e na organização dos capítulos e epígrafes, enfatizando a perspectiva da língua não homogênea, que indica que o que escrevemos tem relação com o que já lemos ou ouvimos anteriormente, um já-escrito, um já-dito, um já-aí (Bakhtin, 1997; Geraldi, 2015). Tudo o que lemos, de alguma maneira, “fica” conosco, seja como uma forma de concordar com o lido, discordar, ou até mesmo refletir sobre, seja tanto pela forma, quanto pelo conteúdo. Nesse sentido, podemos afirmar que as leituras anteriores realizadas pela acadêmica-autora da D2, em específico, as práticas de leitura de outras dissertações, contribuíram para a escolha que fez das epígrafes na sua dissertação, tida por ela como interessantes: “[...] eu abri com esse da Ventania, que é o meu preferido, e os demais eu fui pescando, assim, de maneira que eu conseguisse um pouquinho linkar *com o que eu estava querendo dizer naquele capítulo*, pra mim faz sentido (risos)” (Autora da D2, 2022, grifo nosso).

A partir do que discursiviza a acadêmica-autora da D2, esta afirma que teve como objetivo apresentar as epígrafes de modo que elas dialogassem com o que seria exposto na sequência, mas ciente que esse diálogo entre texto e leitor pudesse não ser tão evidente assim. Ribeiro (2014) destaca que essa relação entre epígrafe e o gênero discursivo dissertação em que Mayer (2020) está inserida é muito importante para o propósito comunicativo da epígrafe. Neste caso da D2, a acadêmica-autora teve um certo cuidado ao escolher, pois queria, de certo modo, que houvesse uma relação direta entre a epígrafe e o capítulo. No entanto, a relação entre epígrafe e capítulo, por vezes, apresenta-se de forma indireta para o leitor, já que as epígrafes manifestam identidades do autor e estão permeadas também por sentimentos e escolhas pessoais, que quem está lendo não conhece/sabe.

Seguindo na análise e identificação das epígrafes, verificamos que a D3, intitulada *Práticas letradas de gamificação: estudo do processo de textualização no ensino superior*, defendida por Alexandre em 2020, e que se afilia ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, apresenta uma frase do filósofo Plotino como epígrafe, nos elementos pré-textuais. Esta dissertação possui apenas uma epígrafe em todo trabalho, fazendo-nos refletir sobre a função que a epígrafe teve para o acadêmico-autor, diferentemente das outras dissertações. Interessante reforçar que compreendemos que os programas de pós-graduação possuem organização composicional e estilística distintas uns dos outros e que isso pode aparecer na escrita dos mestrandos, no sentido de uma dissertação escrita de forma ensaística não ser permitida em alguns programas ou até mesmo não ser legitimada.

O acadêmico-autor da D3 relatou que teve contato com a epígrafe muito antes da dissertação, mas tempos depois a encontrou novamente em um livro, dando um novo significado a ela e analisando sua relação com sua própria dissertação. Ele afirma que vê a epígrafe totalmente relacionada com a sua dissertação, que para ele está muito claro; porém, ao realizarmos a leitura da dissertação, podemos verificar que nem sempre para o leitor essa relação entre epígrafe e texto pode ficar tão nítida. Evidenciamos que cada leitor produz sentidos diferentes ao realizar a leitura de determinado texto, tendo em vista seus conhecimentos prévios diversos: “[...] eu acho que é isso mesmo, acho que é essa questão da *novidade*, sabe, deixa o meu leitor se interessando [...] eu sempre pensei muito sabe, antes de colocar uma epígrafe porque a gente sempre acha que ela tem que ser... sei lá, *impactante pro trabalho* [...]” (Autor da D3, 2022, grifo nosso).

O enunciado do acadêmico-autor da D3 sinaliza que a relação com o leitor é marca presente nas escolhas das epígrafes, já que se propõe a apresentar uma novidade, impactar o trabalho. Assis, Bailly e Corrêa (2017) destacam que essas expectativas são criadas quando os pesquisadores entendem que precisam citar o outro para legitimar o seu texto. Os dados indicam que essas tensões aparecem também na escolha da epígrafe, mesmo ela sendo um elemento opcional e não tão carregado, aparentemente, de relações de poder tão marcadas quanto uma citação em um capítulo de referencial teórico. Conforme o excerto do acadêmico-autor da D3, este afirma que não gosta muito de apresentar epígrafes em seus textos por compreender que elas criam expectativas no leitor.

Depreendemos uma singularidade desta dissertação, tendo em vista que este dado vai ao encontro com outros excertos apresentados, nos quais os autores falam sobre o desejo de guiar o leitor. Na D3, o acadêmico-autor prefere que a relação entre epígrafe e dissertação seja

implícita. Além disso, a partir dos dados coletados e gerados, é possível indicar que a epígrafe nesta dissertação pode exercer a função de protocolo, já que foi apresentada apenas no início do trabalho e não há indícios de realizar referência entre a pesquisa ou introduzir o tema. Além disso, a ideia de ser protocolar viria do fato de a epígrafe estar presente nos elementos apontados pelas normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) como possíveis em um texto de cunho acadêmico como a dissertação.

Por fim, a D4, intitulada *Escrever na escola e para a vida: a experiência de pesquisa-ação e seus efeitos na aprendizagem da escrita*, que foi defendida por Silva no ano de 2015 e está inscrita no Programa de Pós-Graduação em Letras, apresenta como epígrafe inicial um poema escrito por uma estudante de Ensino Médio que é participante da pesquisa, diferenciando-se das demais autorias de epígrafes analisadas. Esse poema é escrito por uma participante para a pesquisadora-autora, pois fala sobre o projeto que foi realizado durante a pesquisa em que o título do poema é o nome do projeto. Além da epígrafe inicial, a acadêmica-autora da D4 apresenta, na abertura de alguns capítulos da dissertação, epígrafes de teóricos dos conceitos que ela aborda em seguida no texto.

Durante a entrevista, a autora da D4 afirmou ter uma relação muito pessoal com a epígrafe inicial escolhida para o seu trabalho, já que é um poema escrito para ela por um dos participantes da pesquisa que ela realizou, conforme segue: “[...] ela tem uma função muito relevante, ela vai guiar, como todas as epígrafes, o olhar do leitor, ela é uma epígrafe com a qual eu tive uma relação de afetividade também, por conta das condições de produção [...]” (Autora da D4, 2022). Como a acadêmica-autora reflete e refrata em seu discurso, as condições de produção são importantes para entender a relevância da escolha da epígrafe para a D4. Galli (2015) enfatiza que as condições de produção são aspectos relevantes da constituição sujeito-leitor e dos sentidos produzidos por ele em diferentes tempos e espaços. Desta forma, a escolha desta epígrafe não busca autoridade, como outras dissertações, mas uma valorização do texto escrito por conta da relação de afetividade com a epígrafe e os participantes da pesquisa realizada.

Os dados também indicam que a escolha da epígrafe nos dá indícios de marcas de identidade dos acadêmicos-autores das dissertações – identidades essas que não são unificadas e modificam-se em diferentes contextos (HALL, 2006). Sobre isto, na D4 observamos que se apresentam identidades de pesquisadora e professora:

[...] em algum momento fui fisgada por aquela epígrafe, então eu queria dar uma identidade também, uma singularidade para o meu trabalho, essa é uma marca do meu trabalho [...] a epígrafe cumpre também esse papel que é um pouco didático, no sentido de guiar o olhar do leitor sobre o seu texto [...] (Autora da D4, 2022, grifo nosso).

O discurso da acadêmica-autora da D4 refere-se à epígrafe ter a função de guiar o leitor. Destacamos que esta é uma das funções que a epígrafe pode exercer no texto em que se apresenta. Segato (2020) reflete sobre como, nos textos literários, a epígrafe pode ter funções diferentes, conforme os momentos, autores e épocas distintas. Nos textos não literários, também é possível verificar isso. Contudo, ressaltamos que, nesta pesquisa, com nosso *corpus* de análise, compreendemos que a maior parte dos acadêmicos-autores das dissertações queria que a epígrafe fizesse referência ao que seria discutido adiante. Almejava, de certo modo, que a epígrafe guiasse o leitor. Essa regularidade sinalizada nas dissertações analisadas auxilia a compreender as escolhas realizadas pelos autores quanto às epígrafes e seus usos.

Neste sentido, os dados apontam que os acadêmicos-autores das dissertações analisadas escolhem as epígrafes não apenas como protocolo, para seguir um modelo, mas que há uma intencionalidade, seja para referenciar, seja para introduzir a temática ou até mesmo um diálogo com o leitor. Logo, esses acadêmicos-autores marcam um posicionamento, o lugar de onde enunciam, o lugar de onde se constituem singularmente como acadêmicos-autores.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo, que teve por objetivo analisar os sentidos das epígrafes presentes em dissertações de Programas de Pós-Graduação em Educação, Estudos Linguísticos e Letras a partir das práticas de leitura dos acadêmicos-autores, a fim de compreender suas escolhas quanto às epígrafes e seus usos, evidenciou que, diante dos dados aqui discutidos, são diferentes as formas de apresentação e de uso das epígrafes nas dissertações: a) apenas nos elementos pré-textuais – nesses casos, não há epígrafes em outras partes da dissertação, apenas no início; b) nos elementos pré-textuais e nos capítulos da dissertação – nesses casos, há epígrafes no início do trabalho, mas também nos inícios dos capítulos da dissertação, e todas elas diferem umas das outras.

Em relação ao diálogo que as epígrafes propõem na dissertação, os achados nos indicam duas formas de diálogo com a epígrafe: de forma direta e de forma indireta. Os

diálogos diretos nos remetem a uma relação explícita, quando o autor da dissertação cita no texto a epígrafe que foi apresentada e retoma-a em algum momento da escrita do trabalho. Já os diálogos indiretos não retomam a epígrafe, mas há uma relação implícita, informações não ditas (Bakhtin, 1997; Geraldi, 2015) que podem levar o leitor da dissertação a realizar inferências sobre a relação entre epígrafe e texto. Essa relação pode ser observada tanto pela temática da epígrafe, quanto pelas expressões utilizadas, que se conectam, de alguma forma, com o capítulo no qual está inserida.

Além das categorias de apresentação das epígrafes nas dissertações e dos diálogos diretos e indiretos, destacamos as funções que as epígrafes podem apresentar nos textos em que estão inseridas, como introdução ao tema, protocolo, busca de autoridade, síntese e referência. Os resultados da presente pesquisa apontam que a função referência está presente nas dissertações de forma mais evidente. Essa função se apresenta de duas formas: manifestação de identidades do autor da dissertação e relação com o leitor do texto. A manifestação de identidade do acadêmico-autor se relaciona com processos de identificação que ele marca na escolha das epígrafes: identificação com o autor citado, com o gênero discursivo da epígrafe, com a forma de escrita do seu orientador etc. Ademais, marca manifestações de suas próprias identidades: como autor, pesquisador, leitor, amigo, professor, etc.

Por fim, os registros obtidos neste estudo nos deixam pistas de que, ao usar determinada epígrafe, há um movimento dialógico confirmativo (Fischer, 2007) entre o acadêmico-autor da dissertação e a epígrafe que ele utiliza em sua pesquisa. No que se refere às práticas de leitura, os resultados apontam que, para se chegar à escolha do uso, função e da própria epígrafe, os acadêmicos-autores perpassam diferentes práticas de leitura: de outras dissertações, dos próprios dados e de leituras literárias. Essas diferentes práticas proporcionam vivências para os acadêmicos-autores fazerem escolhas em relação às suas epígrafes.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, G. G. **Práticas letradas de gamificação: estudo do processo de textualização no Ensino**. 2020. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2020. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/98ff8b8e-c46d-42be-849b-630b8e9598de/content>. Acesso em: 20 maio 2022.

ASSIS, J. A.; BAILLY, S.; CORRÊA, M. L. G. Ainda em torno da escrita no ensino superior: demandas para o ensino e a pesquisa. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 21, n. 43, p. 9-22, 2. sem. 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2017v21n43p9>. Acesso em: 20 mar. 2022.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

BARTON, D.; HAMILTON, M. Literacy practices: situated literacies. In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. **Situated literacies**: reading and writing in context. London: Routledge, 2000. p. 7-15.

BEZERRA, B. G. Do manuscrito ao texto impresso: investigando o suporte. In: CAVALCANTE, M. M. *et al.* (org.). **Texto e discurso sob múltiplos olhares**: gêneros e sequências textuais. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 9-37.

BOCH, F.; GROSSMANN, F. Sobre o uso de citações no discurso teórica: de constatações a proposições didáticas. In: RINCK, F.; BOCH, F.; ASSIS J. A (org.). **Letramento e formação universitária**: formar para a escrita e pela escrita. Campinas: Mercado de Letras, 2015. p. 283-307.

FIORIN, J. L. Interdiscursividade e intertextualidade. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin**: outros conceitos-chave. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. p. 161-194.

FISCHER, A. **A construção de letramentos na esfera acadêmica**. 2007. Tese (Doutorado em Linguística) – Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/89764>. Acesso em: 27 ago. 2022.

FLICK, U. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GALLI, F. Práticas de leitura no contexto acadêmico: a constituição histórica do sujeito-leitor e dos sentidos. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 18, n. 1, p. 201-218, jan./jun. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/rle/article/view/15305/9493>. Acesso em: 20 mar. 2022.

GERALDI, J. W. **Ancoragens**: estudos bakhtinianos. 2. ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2015.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HYLAND, K. **Disciplinary identities**: individuality and community in academic discourse. New York, Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

KALANTZIS, M.; COPE, B.; PINHEIRO, P. **Letramentos**. Tradução de Petrilson Pinheiro. Campinas: Editora da Unicamp, 2020.

KOMESU, F. C; FISCHER, A. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 16, n. 2, p. 477-493, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16i2p477-493>. Acesso em: 18 nov. 2023.

KOSLOSKI, E. R. **As formas de presença do autor e do outro em práticas de letramento com artigo científico em escola de altos estudos**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2021. Disponível em: http://bu.furb.br/docs/DS/2021/368843_1_1.pdf. Acesso em: 20 mar. 2022.

LEA, M; R.; STREET, B. V. The “academic literacies” model: theory and applications. **Theory Into Practice**, v. 45, n. 4, 2006, p. 368-377. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/40071622>. Acesso em: 18 nov. 2023.

MAYER, L. **Desafios entre a formação inicial e as práticas pedagógicas em um contexto de ensino bilíngue**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade da Região de Joinville, Joinville, 2020. Disponível em: https://www.univille.edu.br/account/mestradoedu/VirtualDisk.html/downloadDirect/2590283/DISERTACAO_Luana.pdf. Acesso em: 20 maio 2022.

MOITA LOPES, L. P. da. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas: Mercado da Letras, 2002.

PAULA, D. C. F. de. A questão da identidade na escrita acadêmica. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 21, n. 43, p. 86-104, 22 dez. 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/P.2358-3428.2017v21n43p86>. Acesso em: 20 mar. 2022.

PERCINO, E. B. Epígrafes bíblicas em Murilo Rubião. **Revista Fronteira Z**, São Paulo, n. 20, p. 205-221, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/fronteiraz/article/view/33756>. Acesso em: 20 mar. 2022.

PINHEIRO, M.; DIONÍSIO, M. L.; VASCONCELOS, R. M. Academic literacy, a barrier to learning? The views of engineering students. In: INTERNATIONAL CONFERENCE OF EDUCATION, RESEARCH AND INNOVATION, 9., 2016, Sevilha. **Proceedings** [...]. Seville: IATED, 2016. p. 1957-1962. Disponível em: http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/43050/1/ACADEMIC%20LITERACY%2c%20A%20BARRIER%20TO%20LEARNING_%20THE%20VIEWS%20OF%20ENGINEERING%20STUDENTS.pdf. Acesso em: 20 mar. 2022.

RIBEIRO, M. C. M. de A. A construção de imagens de si em epígrafes de teses de doutorado produzidas por surdos. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 861-880, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/DDYtXcv36FKNCvSZ5rNDbyp/?lang=pt>. Acesso em: 20 mar. 2022.

SCHLICHTING, T. de S. **Letramentos em contexto de aprendizagem ativa nas engenharias**: “construindo o edifício das palavras para nele ser inquilino”. 2016. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2016. Disponível em: http://www.bc.furb.br/docs/DS/2016/360680_1_1.pdf. Acesso em: 20 maio 2022.

SEGATO, D. S. **A epígrafe em Daniel Galera**: leituras de Até o dia em que o cão morreu, Mãos de cavalo e Cordilheira. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, São José do Rio Preto, 2020. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/191525/segato_ds_me_sjrp.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 17 jun. 2021.

SILVA, S. O. **Escrever na escola e para a vida**: a experiência de pesquisa-ação e seus efeitos na aprendizagem da escrita. 2015. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015. Disponível em: http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/Letras_SilvaSO_1.pdf. Acesso em: 20 maio 2022.

SILVEIRA, A. P. K. da; ROHLING, N.; RODRIGUES, R. H. **A análise dialógica dos gêneros do discurso e os estudos do letramento**: glossário para leitores iniciantes. Florianópolis: DIOESC, 2012.

ZAVALA, V. Quem está dizendo isso?: letramento acadêmico, identidade e poder na educação superior. In: VÓVIO, C.; SITO, L GRANDE, P (org.). **Letramentos**: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisas em linguística aplicada. Campinas: Mercado de Letras, 2010. p. 71-95.

Recebido em: 7 set. 2024.

Aceito em: 26 fev. 2025.